

## O DELFIM E O CRIME PERFEITO

### THE DAUPHIN AND THE PERFECT CRIME

DÓRIS HELENA SOARES DA SILVA GIACOMOLLI <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Mestrado em Literatura Comparada da Universidade Federal de Pelotas – Brasil,  
sob orientação do professor José Carlos Marques Volcato. (e-mail: dorishssg@gmail.com)

#### **Resumo**

Este trabalho pretende levantar, analisar e discutir as hipóteses sobre duas mortes, ocorridas numa aldeia de Portugal, a Gafeira, lugar criado pelo autor/narrador que lá se instala e tenta compreender o mistério não elucidado: o que aconteceu, de verdade, à Maria das Mercês, esposa do Delfim, assim como ao criado do casal, Domingos. Essas mortes podem ser consideradas crimes? A resolução do enigma é de pouca importância para a apreciação da narrativa, mas os movimentos de acareação do crime despertam o interesse do leitor e sustentam o valor da obra. O declínio da família de nobres pode ser lido como uma paródia da história de Portugal.

**Palavras-chave:** declínio, leitor, crime, mistério, mortes.

#### **Abstract**

This work intends to raise, analyse and discuss the hypotheses concerning two deaths that happened in a Portuguese village, Gafeira, a place created by the author / narrator who settles down there and tries to understand the unexplained mystery: what did really happen both to Maria das Mercês, the Dauphin's wife, and to the couple's servant, Domingos. Can those deaths be considered crimes? The resolution of the crime is of little importance for the appreciation of the narrative, but the movements around the confrontation of the crime arouse the reader's interest and sustain the value of the narrative. The decline of this noble family can be understood as a parody of the history of Portugal.

**Keywords:** decline, reader, crime, mystery, deaths.

*O Delfim* é considerada a obra-prima de José Cardoso Pires. A Gafeira, aldeia inexistente, onde a história se passa à volta de um crime, simboliza o Portugal marcelista. Até 1974, é considerado um romance neo-realista, vindo a despertar um interesse crescente como narrativa pós-modernista. Publicado em 1968, *O Delfim* teve notoriedade imediata apesar da sofisticação de seu enredo. No início do romance o narrador, que no caso desta narrativa não é mera insinuação, é introduzido pelo autor no texto; o autor cria, pois, um narrador que assume a história:

Temos, pois, o Autor instalado numa janela de pensão de caçadores. Sente vida por baixo e à volta dele, sim, pode senti-la (...) Depois, se quisesse escrevê-la, passaria apenas o dedo na capa encarquilhada do livro que o acompanha (...) e sulcaria o pó com esta palavra: Delfim. (Pires, 1983: 2).

Esse narrador é um escritor que, em primeira pessoa, conta o seu retorno a uma aldeia, onde costumava caçar, e vê o mundo que conhecia em completo declínio. O narrador recua no tempo, pelo período de um ano.

Para o compreender, tenho que fazer um desvio, recuar um ano. (Pires, 1983: 6).

Apresenta-nos o casal Palma Bravo, e dá-nos a conhecer também o mestiço Domingos, o criado, personagens em torno das quais se vai desenrolar a narrativa num clima de neblina e névoa, assim como o enigma que os envolve e que perpassa o romance.

Dois cães e um escudeiro, como numa tapeçaria medieval, e só depois se apresenta o amo, em toda a sua figura: avançando na praça com a esposa pela mão. (Pires, 1983: 9).

O declínio da família pode ser lido como uma paródia da história de Portugal; uma família que já foi grande, esnobe e poderosa, vai perdendo o poder; se encontra em plena decadência, desintegrando-se lentamente. Perdeu sua notoriedade, o que se acentua pela impossibilidade de gerar sucessores. Na falta de herdeiros, suas propriedades, principalmente a lagoa da Gafeira, passariam para a comunidade, especialmente para os operários.

Tomás Manuel é o último representante da linhagem dos Palma Bravo.

O casal, (o engenheiro e a esposa Maria Mercês), não consegue ter filhos, sendo que, fatalmente, a linhagem de fidalgos se extinguirá. O último dos descendentes

tem um comportamento extravagante que beira o desespero, se manifestando através de muita bebida, mulheres fora do casamento e corridas no seu automóvel.

T'es mort? (...) Estás morto por dentro, Engenheiro avicultor?  
(Pires, 1983: 155).

Um forte laço de honra, orgulho e compromisso o liga ao nome que carrega. Do respeito aos antepassados que admira, vem a urgência de preservar a linhagem nobre da qual descende:

Se até agora foi a minha família quem governou a lagoa, não hei-de ser eu quem a vai perder. (Pires, 1983: 18).

Não se sabe qual dos dois é estéril, mas ninguém ousaria sugerir ao nobre que fizesse um exame ou que o casal procurasse um tratamento. Quando a criação de bancos de espermia é mencionada numa conversa, o Delfim reage com o desprezo dos apegados à nobreza dos ancestrais:

Vão fazer pouco da raiz da avó deles! (Pires, 1983, p. 110).

Esnobe, ciente de seus antepassados e de sua fidalguia, reconhece e teme a decadência, dele e do modo de vida para o qual nasceu e que pretende preservar. Percebe-se o enternecimento com que evoca o passado e personagens de sua própria história, seus antepassados.

Depois, num tom arrastado, **comovido**, recomeça a história (...)  
"O tio Gaspar fez... O tio Gaspar aconteceu..." (Pires, 1983: 47)  
[grifo nosso].

Ao contar a história do antigo dono da Gafeira, o Delfim emociona-se, arrebatado-se, torna-se atávico, torna-se o tio:

Veste camisa negra de viúvo, colete de gola forrado a seda. De punhos cerrados, revolvido da afronta da herdeira, nome do seu nome, carne da sua carne. (Pires, 1983: 47).

O tio Gaspar não perdoava uma traição, assim como os nobres de sua estirpe, que eram acostumados a comandar e dispor das pessoas, agregados e criados, os quais

deviam ser caninamente fiéis. Tomás Manuel não esconde o orgulho ao contar sobre o tio:

O tio Gaspar (preveniui-me Tomás Manuel) não era indivíduo para deixar que lhe mijassem nas botas. (Pires, 1983: 47).

O Delfim é engenheiro. Tem um Jaguar, no século do automóvel, mas odeia as inovações e isso é mais uma de suas contradições. O rompimento com o mundo arcaico significa o fim de uma amarra que fez Portugal se atrasar no tempo, que não permitiu a entrada da era medieval, em todos seus estádios, até ao século XX. Esse declínio não é considerado negativo, nem pelo narrador, nem pelos moradores da aldeia, pelo contrário significa a liberdade que surge através desse facto. O narrador é a consciência que vê e relata a ruína desse mundo. Ele foi, algumas vezes, convidado na casa dos Palma Bravo e fez anotações, talvez para escrever um livro algum dia, sobre o modo de vida do Delfim, da esposa e do criado que era muito apegado e vivia muito perto dos patrões. Escreve que o engenheiro é um ser estranho que, apesar da esposa, vive como se fosse solteiro, condenando-a também a ela à solidão.

Ao voltar à aldeia, o narrador descobre que Tomás Manuel da Palma Bravo está desaparecido desde o dia em que a esposa foi encontrada, afogada, na lagoa da família. Maria das Mercês assassina, dias antes, o criado do casal. Ou é essa a conversa que circula na Gafeira:

De qualquer maneira fugiu. E quem foge é porque não quer ser apanhado. (Pires, 1983: 12).

Que terá sido feito do Engenheiro? Fugiu à morte da mulher? (Pires, 1983: 70).

O mistério não é elucidado – outros surgem. A matéria-prima da construção da narrativa é a monografia de um abade que contém toda a história passada da aldeia, onde os Palma Bravo, primeiros proprietários da lagoa, controlavam o lugar, posição que assumiram ao longo de várias gerações, até aos dias de hoje.

Repare-se que tenho a mão direita pousada num livro antigo – Monografia do Termo da Gafeira – ou seja, que tenho a mão sobre a palavra veneranda de certo abade, que entre mil setecentos e noventa, mil oitocentos e um, decifrou o passado desse território. (Pires, 1983: 1).

Este livro (a monografia) não é confiável, apesar de nos ser mostrado por adjetivos distintos e nobres, ser nomeado como antigo e de o abade ser considerado como venerando. Em um determinado momento a dona da pensão em que se instala o narrador afirma que, até então, a família – os ancestrais de Tomás Manuel – não tinham tido nenhum escândalo em seu histórico. O narrador diz que acredita que, ainda que tivessem havido problemas na família, certamente o abade não teria escrito sobre eles. Provavelmente porque o abade (Agostinho Saraiva) também fosse subserviente aos proprietários rurais e lhes devesse lealdade, favores e obediência. Isso gera a primeira questão: será verdadeira a reputação imaculada da família? Será só mais uma criação do autor de origem?

“Nunca naquela família tinha havido até a data o menor escândalo. Não me acredita?” Outra vez eu: “Acredito. Ou antes, estou a pensar no que escreveria o homenzinho se fosse vivo” Ela: “O autor do livro?” Eu: “Sim. Tenho a certeza que se calava, minha hospedeira. Mais que certo” (Pires, 1983: 49).

A dona da pensão diz que a monografia fala sobre a história de oito fidalgos de bom coração, que, segundo ela, seriam os “Palma Bravos”, mas o autor logo a contesta afirmando que não os encontra descritos dessa forma. Como mostra a seguinte citação: o narrador/escritor desmente essa reputação ilibada dos Palma Bravo; não era costume dos fidalgos serem bon; em todos eles se encontravam traços de maldade.

(...) eu garanto com a mão na mesma piedosa obra que **jamais encontrei nela o menor traço de qualquer fidalgo de bom coração.** (Pires,1983:17) [grifo nosso].

Um segundo texto que ajuda na narração dos factos é o caderno de anotações feitas pelo narrador desde a primeira visita. O caderno onde escreveu sobre os anfitriões, seus diálogos com o Delfim, seus diálogos com os demais personagens, suas considerações pessoais e citações de livros.

A estética da receção considera a obra de arte como um sistema que se define por produção, por receção e por comunicação, tecendo uma relação dialética entre autor, obra e leitor. Destaca que o ato de leitura tem uma perspectiva dupla na dinâmica da relação com a obra; a projeção desta obra pelo leitor. Considerados os fundadores da Estética da Receção (1964), Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, são os dois grandes nomes da escola que desenvolveu uma noção dinâmica do leitor, ouvinte ou espectador como fator essencial à composição da obra de arte. O estudo da receção demonstrou a

importância do leitor no significado final do texto e destacou a ativa implicação do sujeito recetor na atribuição de significados durante o ato de leitura. Esta orientação serviu para precisar que ler não é só decifrar os signos do sistema da língua, mas também estabelecer significados. O texto é distinto por sua incompletude e a literatura se cumpre na leitura e o leitor é convidado a atuar. O narrador fez de O Delfim uma obra de final aberto, onde o crime não é desvendado, facto que, porém, não tem vital importância no desenrolar da narrativa.

As memórias ligadas a uma obra e a certeza de a trazermos continuamente conosco, suspensa, inacabada, é que tornam feliz a arte de escrever. (Pires, 1983: 42).

Ainda que a resolução do crime seja de pouca importância, os movimentos da acareação do crime despertam o interesse do leitor e sustentam a narrativa. Vamos, pois, analisar os indícios e evidências deixados ao leitor pelo narrador, já que o leitor é chamado a completar a incompletude. Vamos fazer de investigadores; seremos Sherlock, Watson, Miss Marple ou o senhor Hercule Poirot e vamos seguir as pistas.

As you wish, dear Sherlock. Se queres reinar aos detetives, é contigo. (Pires, 1983: 159).

Uma das evidências que se recolhe ao longo da narrativa é que os Palma Bravo traíam suas esposas, procurando com muita frequência mulheres fora de casa. O narrador, ao referir-se a um antigo senhor da Gafeira diz:

E de ano para ano o círculo das amantes foi crescendo. (Pires, 1983: 48).

O Delfim engenheiro, que em tudo se assemelhava a seus ancestrais, traía a esposa constantemente e evitava contato físico com ela. Talvez porque ela não o atraísse, talvez porque pensasse que, sendo ela estéril, o contato físico seria dispensável, já que não propiciaria o necessário herdeiro:

Ora, se algum pecado se podia apontar ao Engenheiro, era ser leviano em demasia e andar, como diz o outro, sempre atrás de saias. (Pires, 1983: 20).

Passo em relance a galeria de mulheres de Tomás Manuel (Pires, 1983,p.75)

Tu sabes a razão por que nenhum homem deve fornicar a mulher legítima? (Pires, 1983: 58).

Mas não admitia ser traído. Isso seria considerado uma alta traição, inconcebível na família dos nobres:

Por isso é que se eu tivesse uma filha havia de ser feita para casar. (...) E aí dela se pusesse cornos ao marido, que era o mesmo que mos pôr a mim. (Pires, 1983: 52).

Homens não podiam ser traídos. Podiam trair, nem faziam questão de esconder, mas uma traição feriria profundamente sua honra, o que era inadmissível.

Mas isso... "Espeta dois dedos na testa:...não há teoria no mundo que justifique." (Pires, 1983: 52).

Em tudo ele queria exclusividade; da mulher, dos criados, dos cães, até da sepultura:

Os cemitérios são de todos, a lagoa é só minha. Adoro as exclusividades. (Pires, 1983: 34).

Qual a intenção do narrador ao referir-se tantas vezes a cães. Por que razão o autor passaria tanto tempo a falar dos cães se eles não fossem relevantes ao desembaralhar da trama? O capítulo VII é todo dedicado aos mastins do engenheiro.

Os cães são a memória dos donos (Pires, 1983: 40).

Mas antes de serem memória, os cães são a assinatura do amo, a quem imitam a autoridade e os vícios. (Pires, 1983: 41).

O capítulo VIII começa com as palavras:

Ainda os cães. (Pires, 1983: 42).

Deus tendo criado o homem e achando-o, coitado, fraquíssimo, lhe fez presente o cão. (Pires, 1983: 46).

Quem era coitado? Deus, por achar o homem fraquíssimo, ou o homem por ser fraquíssimo? Se era Deus, estava enganado porque os homens não são fracos, somente fingem que são, para enganar a Deus e aos outros homens. Mas o Delfim apreciava seu

cão, Domingos. Apreciava que o mestiço lhe fosse fiel, como um cão, tornando-o assim mais forte e ainda poderoso.

Fala-se em cães-fantasmas. Quem podia ser o cão-maneta que lá aparece senão o Domingos mestiço? (Pires, 1983: 42).

Domingos é, diversas vezes, associado aos cães do engenheiro.

O Domingos não quis ser toda vida o cão do Infante? Não se comportou como tal? Pois teve o fim que merecia. Morte de cão, como lhe pertencia. (Pires, 1983: 13).

Oura evidência importante é sobre um antigo Senhor da linhagem Palma Bravo que, quando perde a confiança na filha, mata até os cães, segundo anotação do caderno do narrador:

(...) a parábola da filha desobediente contada pelo Engenheiro com as sábias palavras de tio Doutor Gaspar, pai desafortunado: Um homem dá tudo menos os cães e os cavalos. (Pires, 1983: 43).

Por que motivo foi essa história contada? Ela surgiu do nada. De uma conversa, tarde na noite, embaralhada pelo vinho. Foi incitada por quem, pelo quê? Aos poucos os dois, o Tio Gaspar e o sobrinho, o infante, se confundem aos olhos do narrador que não consegue distingui-los, separá-los: o engenheiro conta a história do tio que fala através do sobrinho, um delfim já embriagado.

Em todo o caso, pressinto que alguém está por trás dele, alguém vai tomando forma, através das palavras que me chegam (...) o tio Gaspar. O Engenheiro. A voz é a dele, se bem que transtornada pelo vinho e avançando aos bordos, por entre frases retorcidas duas histórias de amores e de castigos. História emaranhada como o diabo, e muito mais quando contada pela voz do vinho. É ele, é, sem tirar nem pôr, o vocabulário de Tomas Manuel em ação. (Pires, 1983: 46).

Ao misturar os factos, ditos e palavras, ele aproxima os herdeiros da Gafeira, aproximando-os, embaralha as histórias. Quem fez o quê? Quem matou os cães por uma questão de perda de confiança?

Dar tudo, menos os cães e os cavalos. Quem fala assim? (Pires, 1983: 46).

Quem foi traído? O Delfim? Sim, mas não esse delfim, um outro, tio desse. Por quem? Pela esposa? Não!!! Pela filha! Os Palma Bravos, suas ações e seus gestos se confundem, na medida em que se assemelham e este é um dos indícios que pode servir de base às acareações do crime:

Tanto como as expressões e os princípios que tenho apontado no caderno, e que à medida que os vou lendo, me parecem mais semelhantes uns aos outros, quase repetidos de Palma Bravo para Palma Bravo, de geração para geração. (Pires, 1983: 153).

O narrador se confunde. Ao se confundir, nos confunde.

Falarei obrigatoriamente de ruínas, misturarei ditos e provérbios, pondo-os na boca do filho, quando pertenciam ao pai ou ao tetravô, numa baralhada de espectros. (Pires, 1983: 44).

Embaralha os factos e confunde o leitor quando fica indeciso quanto a quem disse tais palavras ou tais fatos.

Lagoa e Palmas Bravo fazem uma e mesma história (...) ao fim de tantas gerações de fidalgos e cruzamentos de lendas, tresnoitam. (Pires, 1983: 80).

O antepassado do Delfim, ao perder a filha para um vivaldino, livra-se de todos em quem confiara. Pede ao criado de confiança que leve a égua e o cão até um lugar ermo e os mata a tiro, o cão e o cavalo.

Perdera a confiança na fidelidade, dali para o futuro, queria-se só (Pires, 1983: 47).

O Delfim, o antigo, livra-se de tudo que o lembra da filha que fugira. No entanto, o narrador percebe que ele não matou todos em quem confiava; não matou o criado:

(Afirmção infundada, verifico prontamente, porque restara o criado de confiança.) (Pires, 1983: 47).

O Delfim de agora se vê sozinho, sem a esposa e sem o criado. Tomás Manuel queria-se só, tal como o tio Gaspar? Mas se o tio mantivera o criado, o Delfim perdera o seu, que considerava tão fiel quanto um cão, acostumado a ser sua sombra. Era (...) *ajustado à sombra do amo*. (Pires, 1983: 138). O Infante e Maria das Mercês muitas vezes se referiam ao Domingos. Havia mesmo qualquer sombra estranha, uma névoa em volta desse assunto:

Para esse homem, o Domingos é intocável.

Achas que sim? Perguntou Tomás Manuel. (Pires, 1983: 137).

Se o criado não escapou da morte, os cães escaparam, abandonados na Gafeira, a latir durante a noite. Segundo o povo, um era maneta, tal como o criado Domingos.

Como foi a ideia de “crime perfeito” introduzida aqui, nessa narrativa? Ah! Sim!!! Numa noite de serão, o Delfim e o narrador conversam:

A literatura policial é um tranquilizante do cidadão instalado. Toda ela tende a demonstrar que não há crime perfeito. Tomás Manuel põe em dúvida. (Pires, 1983: 123).

O Delfim diz que há muitos crimes perfeitos, tão perfeitos que nunca foram descobertos:

Essa conversa de que o crime não compensa também é uma boa anedota. (...) Deve ter havido milhões de crimes altamente compensadores. (Pires, 1983: 123).

Está bem, mas não vêm nos romances. O burguês pacato precisa acreditar nas instituições. Mostrar-lhe que pode haver crimes perfeitos é o fim. (Pires, 1983: 122-123).

O engenheiro narra uma história sobre como cometer o crime perfeito:

Mas é que há mesmo. Por definição, todos os crimes que não se descobrem são perfeitos. Até eu conheço um (...). (Pires, 1983: 125).

O Delfim conta a história de um homem que fora assassinado pela jovem amante, apesar de todos pensarem que tinha morrido de causa natural. A moça levou o velho amante à morte.

Nem mais, a miúda excitava o velho durante a digestão, percebes agora? (...) Como esquema, era infalível. (Pires, 1983: 125).

O velho não morreu na hora, mas ao chegar em casa, junto à família. Aparentemente foi de morte natural (uma síncope); tinha estado com a amante nesse dia e dera tudo de si.

A morte nem sempre se dá no próprio ato. (...) Nesse caso, caramba, nesse caso, foi ela que o matou. (Pires, 1983: 126).

Já que nos vamos fazer passar por detetives, vamos, trabalhem com algumas hipóteses: A primeira delas é que Maria das Mercês tenha matado o criado.

(...) no pátio, o Domingos que ela um dia há-de vir a matar (com crime ou sem crime, é o menos) (Pires, 1983: 144).

*Há-de vir* é futuro obrigatório; o porvir. Essa foi a locução verbal usada pelo narrador. Ele sabia que houve um crime e que muitos diziam que Maria das Mercês o havia cometido.

A dona Mercês matou o criado e o Infante matou-a a ela. Comeram-se uns aos outros... (Pires, 1983: 11).

O Domingos foi morto pela patroa. (Pires, 1983: 13).

Nem sempre quem mata odeia. Aliás, se mata mais por amor que por ódio. Ainda que tenha matado o criado, Maria das Mercês gostava dele, ajudava-o. Ensinava-lhe a ler, tratava-o bem:

... depois de o ter ajudado a renascer. (Pires, 1983: 144).

Ela o defendeu muitas vezes. Na noite de natal Tomás força o criado a ficar na festa. Domingos tem um ataque e desmaia:

Tomás Manuel agarra-o pelos ombros a cortar-lhe a saída. O outro teima em passar. Sacode a cabeça, estrebucha para se ver livre, mas de repente começa a escorrer das mãos que o prendem...) A boca do mestiço, é um traço de espuma e o rosto arrefeceu. Está cinzento. (Pires, 1983: 89).

Ela enfrenta o marido, como poucas vezes faz:

“Animal”, segreda-lhe com raiva, como se fosse uma despedida, uma acusação. Com mais força e com mais autoridade do que se a tivesse lançado em voz alta e perante testemunhas. (Pires, 1983: 90).

Domingos tinha problemas. Era frágil. Poderia ser uma doença do coração ou dos nervos, que o tornava facilmente manipulável, já que sempre tem alguém que é capaz de se aproveitar das fraquezas dos outros.

Em se metendo num carro, começa com tonturas.

Nervoso talvez.

Coração. Tem um coração de passarinho.

Tomás, meu bem, porque é que você não diz que o rapaz tem medo? É algum mal ter medo? (...)

Conversa. Se não fosse o coração... (...). (Pires, 1983: 136)

Poderia ser que ela tivesse um romance com Domingos. Ele poderia ter ido à cama dela e lá morreu do coração. Seria uma segunda hipótese, talvez a mais oficial, a que o povo das ruas, que odiava o Infante e principalmente os grilhões que ele e sua linhagem representavam, gostava de acreditar: o Infante fora traído pela mulher e o criado.

Mors post coitum (Pires, 1983: 126).

Ela foi achada na lagoa, morta; afogada. Pode ter-se suicidado, após o criado ter morrido; ter-se atirado à lagoa. Ser enterrado na lagoa era o desejo do engenheiro, mais do que uma vez exteriorizado por este. Essa ideia aterrorizava-a:

Outra vez os coveiros de escafandro? Você acaba por me fazer pesadelos, Tomás. O marido ergue o copo de whisky numa saudação.

Coveiros de escafandro. É ou não é sensacional?

Rimos os dois, **ela não**,... (Pires 1983: 30) [grifo nosso].

Contudo, ela é achada presa no fundo da lagoa, não apenas morta, boiando nas águas, mas presa, enterrada no fundo:

Se tivesse havido um crime (...) se alguém a tivesse matado, e a atirasse para lá, alguma vez o corpo ficava **espetado** no fundo? (Pires, 1983: 21 [grifo nosso]).

Pode ser que ela não tenha, então, se atirado. Qual seria a alternativa? Qual a razão do corpo ter ficado enterrado no fundo da lagoa?

Arrancaram de lá o corpo de Maria das Mercês, esse espinho branco **cravado** no lodo (Pires, 1983: 99) [grifo nosso].

O Delfim acreditava-se dono de todos ao seu redor; dono de Domingos. Ele fala sempre com orgulho do seu criado:

Tomás Manuel vai discorrendo acerca de Domingos e eu ligo o que ele me conta à utilidade de certos homens desprotegidos e de certos pássaros de guias cortadas ao serviço do caçador. (Pires, 1983: 33).

Ele era dominador; as pessoas eram sua propriedade exclusiva, tinham que se mover conforme seus movimentos. Seriam apenas suas sombras; tinham que fazer o que ele, o dono, acostumado a mandar, exigia.

...fazendo de Tomás Manuel um criminoso que vinga na própria mulher a perda de um criado. (Pires, 1983: 20).

Dominador ou domador: domava as pessoas e moldava-as à sua maneira:

Sei muito bem o que aconteceu com o Domingos e como o Engenheiro o reconstruiu (...) foi salvo da perdição da bebida graças a uma receita de Tomás Manuel: rédea curta e porrada na garupa. (Pires, 1983: 33).

Domingos podia ter sido adestrado pelo engenheiro, mas agora adestrava os cães; era mestre nisso. Os cachorros eram-lhe fiéis e obedeciam-lhe em tudo:

E sempre a falar-lhes, sempre num sermão constante (...). Causava assombro assistir à semelhante tarefa de punição, à autoridade

com que ele a executava e aos movimentos preciosos e eficazes da mão no governo de duas feras tão difíceis. (Pires, 1983: 5).

Se o Delfim proibia Domingos de beber, ele mesmo bebia demais. Muitos, ao beber, ficam engraçados, outros riem de tudo; o engenheiro, depois de uma certa dose ficava mau, como muitos que bebem além de uma certa medida:

O Engenheiro Anfitrião tinha chegado ao copo que seria nele a medida da maldade. Nos serões da lagoa percebi que, a certo ponto, se punha branco e desdenhoso. (...) Já estava nesse tom (Pires, 1983: 52).

Na noite do Crime, ele estava bêbado. É bem provável que já tivesse bebido o copo que continha “a medida da maldade”:

*O infante regressou bêbado, ao que se julga. Na estação da Shell, a trinta quilômetros da Gafeira, intimou o moço de serviço a abrir o bar.* (Pires, 1983: 92) [grifo nosso].

Estes dois factos levam à segunda hipótese: o Delfim chegou bêbado, leva Domingos à sua cama, mas o criado morre. Mercês vê os dois, Domingos morto na cama e foge pela floresta, machuca-se nos galhos, cai, levanta-se, corre até à lagoa e afoga-se.

Maria das Mercês mata Domingos por ciúmes do Delfim e foge para a lagoa por medo de que ele a mate, vingança por raiva, por ela lhe ter estragado a propriedade.

(...) a moeda foi o ciúme. A patroa mata o criado e o marido, roído de mágoas, mata-a por sua vez. (Pires, 1983: 13).

Será que ele era um homem ciumento? Matou por ciúmes? A provável resposta é não!

Torço o nariz: ciúmes nele, Tomás Manuel? (Pires, 1983: 97).

Os dois, Maria das Mercês e Domingos não cumpriram à risca os seus papéis: falta de cumprimento do ajustado; como ele gostava de dizer; uma quebra de contrato: Nada, segundo o Delfim, justificava que não se cumprisse o ajustado e este seria um bom motivo para um crime:

Acho que, na tua maneira de ver, quebravam o contrato (Pires, 1983: 53).

Um facto de relevância é que Domingos queria ir embora, abandonar a casa. Tinha medo, sentia-se ameaçado. Pediu ajuda ao padre:

Três dias antes de morrer, veio ter comigo para lhe arranjar um trabalho em Londres (...) Acredite, podia tê-lo salvo. O meu mal foi não ter percebido até que ponto ele estava amedrontado. (Pires, 1983: 126).

Porquê? Ele tinha medo de que alguém soubesse das atrações que sentia, uma fixação, até mesmo um amor?

Ela em cima, (na sacada), o criado no pátio, ambos ouviram o pássaro da má morte e ambos esperam pelo mesmo homem. (Pires, 1983: 143).

Ou será que Domingos sabia alguma coisa mais, que ainda não sabemos? Alguém lhe disse algo, lhe pediu para fazer algo que o fez temer pela sua vida ou pela vida de outra pessoa?

Porque será que o autor passou um capítulo questionando-se acerca da esterilidade de Maria das Mercês? E aqui se encontra a nossa quarta hipótese:

**Maninha** como uma mula (...) Maria das Mercês, mulher inabitável. (Pires, 1983: 65) [grifo nosso].

“Maninha” significando uma mulher com problemas orgânicos que não pode engravidar, estéril. Seria Mercês maninha?

Sobre a solidão da lagoa, a solidão dela mesma esposa **maninha** que odeia o **ventre abundante** das águas. (Pires, 1983: 65) [grifo nosso].

Também, neste capítulo, há a insinuação de que o marido pudesse ser estéril:

Mas e os homens maninhos? Não há lugar para eles os homens maninhos...? (...) Donde vem o mal que impede os frutos? Da esposa inabitável ou da semente que não tem força para viver dentro dela? De ambas? Caso a apurar. (Pires 1983: 67).

No azedume com que Tomás Manuel falou dos bancos de esperma (...) não se esconderá o desespero de quem se julga incapaz de habitar um ventre de mulher? Faço a pergunta, é mera suposição. (...) (Pires, 1983: 75).

Se há terreno do homem que não se discute, esse é um deles (...) Não. Antes a dúvida. Antes verificar por conta própria, experimentando fora de casa quem lhe garantiria a ele Engenheiro na vila, que o filho era seu. (...) (Pires, 1983: 76).

E se ela estivesse grávida? Se ela estava grávida, de quem seria o filho? De Domingos? Do engenheiro? Isso justificaria o medo de Domingos, o facto de ela o ter morto e depois se ter suicidado.

Maria das Mercês não gostava tanto da vida que fosse capaz de pôr-lhe fim com as próprias mãos. Morte em beleza não havia para ela. Só a do parto. Não foi o que lhe ouvi dizer. Diabo, o que tu foste lembrar? (...) Morte em beleza, só de parto. As cegonhas pensam muito nos filhos. (Pires, 1983: 64.65).

Estaria Domingos morto na cama do casal quando o engenheiro chega bêbado e o encontra?

Então a mão salta sobre o candelabro e, num relâmpago violento, Tomás Manuel, batido pela luz, escancara os olhos. Em vez de Maria das Mercês, tinha na cama, o cadáver do criado. (Pires, 1983: 171).

Se ela estava grávida nunca saberemos, mas a verdade oficial é que Domingos foi encontrado morto na cama do casal. Ou será uma mentira criada para disfarçar, forjar o que aconteceu realmente? Poderia também ser uma mentira que se espalhou. Ele, na cama de Mercês, morrendo em pleno ato sexual. Foi isso que pensaram na vila; está nos autos.

Inchou-lhe os instrumentos, na barriga da Infanta. Aconteceu-lhe o que acontece aos cães. (...) E ficaram os dois pegados, como os cães no trabalho. (Pires, 1983: 175).

Morreu na cama com Maria das Mercês?

O Domingos, ou acabava nas mãos da Mercês, ou era morto pelo Tomás Manuel. Tinha de ser, era questão de tempo. Assim, antecipou-se, deu **ele** cabo de todos.

De acordo. Mas sabe que o tipo morreu de **morte natural**, não sabe?

É o que eu digo, antecipou-se ao crime. (Pires, 1983: 107) [ grifo nosso].

O engenheiro chega, ela levanta-se apavorada e foge, cortando-se toda ao fugir pelo caminho até à lagoa. O engenheiro deita-se, muito bêbado e nada vê, até tocar no peito do criado morto ao seu lado e descobrir que o corpo não é da esposa adormecida.

Mas algo não se encaixa nessa versão: Domingos não gostava de mulheres. Não ficava com mulheres quando saíam. Quem o disse foi o engenheiro:

Levo-o a Lisboa, deixo-o à vontade, dou-lhe dinheiro... Nada. Foge das raparigas. (Pires, 1983: 167).

Ou teria o Infante planejado as mortes? A hipótese perfeita: o crime perfeito.

O Delfim poderia ter chegado em casa, convidado Maria das Mercês para um banho da meia noite:

Quando casamos, você fartou-se de me falar nos banhos da meia-noite.(...)

Nus?

(...) Nus, pois, nus é que tem graça. (Pires, 1983: 168).

E tê-la agarrado pelos pés, inesperadamente e tê-la segurado no fundo, no lodo, até que morresse afogada.

A dona da lagoa ficou agarrada pelos pés ao lodo do fundo, hirta, inclinada para a frente, como se fosse em marcha por baixo de água, e tivesse sido detida de surpresa. (Pires, 1983: 179).

Mas e quanto aos ferimentos no corpo de Maria das Mercês? E quanto à roupa rasgada? Não houve convite para um banho da meia noite... nós... Ou não haveria trapos, restos da roupa dela pelo caminho até à lagoa e "um rastro de corpo"... Note-se que o autor não usou a palavra *caminho*, *lugar por onde se caminha*:

É trilho apenas, não chega a ser caminho. (Pires, 1983: 180).

Por um trilho podem levar-se muitas coisas, até um corpo de arrasto.

O narrador não queria acusar covardemente, mas tinha muitas dúvidas. Ouvira as palavras do engenheiro. Não poderiam ter sido pensamentos ditos em voz alta, sem que nem ele mesmo percebesse, tão imbuído estava nos seus planos? Estaria a pensar em assassinar a esposa? Como ele não tinha a certeza, não o acusou:

Cumpre-me prestar bem o ouvido às palavras (...) para não macular covardemente o retrato que nele se reflete, Tomás Manuel. (Pires, 1983: 157).

Ele poderia ter parado no posto de gasolina, ter feito uma espécie de escândalo para que ficasse bem marcada a hora em que estava fora, tal como o facto de estar muito bêbado, e de ter precisado de ajuda da criada para chegar ao quarto.

O Delfim pensava numa maneira de matar; na maneira que acreditava levar ao crime perfeito.

“Desde que o fundo esteja quieto” continua ele, apertando-me nos braços para que eu não o interrompa, “podemos ir à confiança.” (...) Fico varado, incapaz de acreditar nos meus ouvidos. Mas, é ele, é o engenheiro que fala [...] Águas quietas...mudança de lua... Positivamente, positivamente... A quantas estamos hoje? E o mais estranho é que se pôs a silvar baixinho, por entre os dentes. (...) Agora são palavras sumidas, que estou a ouvir: “Na viragem da lua”... e de madrugada. Ah sim, de madrugada é que é a melhor altura. Mesmo no ponto do nascer do sol. (...) Tento espiar-lhe o rosto: impossível. Tomás Manuel não passa de uma mancha pesada a alastrar na penumbra da mata. Recordo: “Os cemitérios de peixes. Os coveiros de escafandro à luz da lua” – enquanto ele, desligado de mim, segue à frente abrindo caminho.” (Pires, 1983: 161).

O engenheiro sozinho carrega-a, arrasta-a até à lagoa, para enterrá-la no lodo? Mas e o álibi para justificar a morte? Como foi ela, Maria das Mercês, morrer na lagoa? Palavras estranhas saíram da boca do Delfim, uma noite em que estava com o escritor, próximo da lagoa:

A lanterna é essencial. E o ar comprimido também. Espero que o clube naval não levante dificuldades em nos alugar o material. (Pires, 1983: 161).

Mas poderia ser um plano mais perfeito, que incluisse Domingos.

Domingos pode ter atizado os cães à mulher do Delfim, fazendo com que ela corresse pela trilha, até não restar outra alternativa ou passagem que não fosse a lagoa. A lagoa ou os cães, difícil decisão.

Ou talvez a utilidade dele fosse segurar e apontar a lanterna, para iluminar os movimentos do engenheiro.

Tu ficas no barco enquanto eu mergulho. (Pires, 1983: 161).

Poderia ele ter ficado no barco, vendo o engenheiro carregar Mercês até o fundo da lagoa; enquanto, usando o ar comprimido, o engenheiro enterra Maria das Mercês. Os cães, testemunhas, uivam para as margens da lagoa.

Que o plano incluía mais do que uma pessoa se percebe também pelo uso de “nos” - pronome oblíquo de segunda pessoa do plural.

Não nos podemos esquecer é da lanterna submarina. (Pires, 1983: 161).

Interessante a criada ter acordado, procurado e não ter achado o criado Domingos na cama. Onde estava Domingos?

A velha choraminga em surdina, com receio de acordar a patroa. Sempre que do fundo do vale lhe chega um uivo mais forte, encolhe-se e resmunga: “Malditos cães.” Há um bocado que o lorde e a Maruja andam numa inquietação constante. Acordaram-na um pouco antes de ter chegado o engenheiro, e ela amedrontada, correu ao quarto do Domingos. Ninguém. Foi no canil, achou-o vazio. O criado andava na lagoa atrás de algum pescador furtivo, e como de costume, levava os cães. (Pires, 1983: 170).

Claro, ele poderia estar morto, ao lado de uma Maria das Mercês muito apavorada.

Mas Maria das Mercês poderia já estar morta, com os cabelos espalhados nas águas da lagoa, quando o Engenheiro convida Domingos para a sua cama. E aí sim, ele teve a sua morte provocada, fraco como era, tal como já foi referido – morte pós coito.

“Mors post coitum.” Foi assim que a garota das unhas de prata deu cabo do velho.

O Engenheiro pôs-se sério:

Pá, nem me fales nisso. Há datas de tempo que não penso noutra coisa. (Pires, 1983: 158).

Ao voltarem à casa, com a esposa maninha já definitivamente enterrada no lodo da lagoa, o engenheiro mata o criado provocando nele um ataque cardíaco que o calaria para sempre.

É simples, diz ele. Como plano não tem nada de complicado. (...)  
Só isso, usar o amor como arma do crime. (Pires, 1983: 125).

O coração de Domingos era fraco, teve a *Mors post coitum*, a morte pelo pecado.

À cabeceira do criado morto em plena prova de amor, as vozes cruzam-se (...).

Colapso cardíaco, informa o regedor à parte. (...). Cardíaco.  
Morreu de um colapso. (Pires, 1983: 174).

Este trabalho teve sobretudo a intenção de analisar as hipóteses e as dúvidas, mais do que necessariamente procurar respostas. O objetivo do autor não foi escrever mais uma narrativa sobre crime e nem nos proporcionar o confortável final dos romances policiais, com a resolução do caso e a revelação do assassino, para podermos retornar à calma e tranquilidade da nossa casa. Calma que só o detetive, personagem principal da história pode nos dar, quando, no final, um culpado é desmascarado. Mas ainda falta uma pista - os exames médicos dos corpos...

E a autópsia? Para que servem as autópsias? (Pires, 1983: 21).

É verdade!!! A autópsia. Devem ter feito uma autópsia e ela revelaria se houve crime. Porém, a autópsia revelou morte natural. Mas quem viu essa autópsia? Quem viu os autos:

Mas, pergunta a minha curiosidade, quem leu os autos? O Regedor. E adiantou-se muito para além da verdade dos fatos? Duvida-se. (Pires, 1983: 63).

Portugal ficou em estado medieval por muito tempo. Ainda que muitos quisessem que os grandes proprietários rurais fossem extintos, a verdade é que muitos ainda respeitavam a nobreza e a hierarquia. O Regedor não esmiuçou os autos, não investigou a fundo.

Não se chegando a uma só versão final, não havendo prova cabal, não se pode provar nada, ainda que,

...juridicamente, quando há intenção de matar, há crime. (Pires, 1983: 159).

Mas a intenção de matar também não ficou provada. Seria possível alguém dizer que se morresse a esposa estéril, (claro está que a esterilidade vinha dela e nunca de um fidalgo e nobre descendente de muitos Palma Bravo) ele poderia tornar a ter uma esposa legítima que lhe desse um descendente para herdar a Gafeira e assegurasse a continuidade da linhagem fidalga.

Assim, aqui também o final fica em aberto.

À espera do leitor para acabá-lo. O leitor sempre pode ir até ao Clube Naval da Gafeira e investigar se alugaram ao engenheiro uma lanterna e ar comprimido. Será que ele teria um escafandro? Se bem que ainda assim não seriam provas de um crime, porque ele era dono de uma lagoa.

Um crime perfeito?

Perfeitíssimo. Com título e tudo. (Pires, 1983: 123).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Iser, W. (1996). *O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kreschmer. São Paulo: Ed. 34.
- Jauss, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1979.
- Pires, José Cardoso (1983). *O Delfim*. (2ª edição). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Recebido: 22 de janeiro de 2014.

Aceite: 10 de março de 2014.